

{ TRAFARIA PRAIA }

.....

TRAFARIA PRAIA

Luís Miguel Correia

.....

Lisboa e os Cacilheiros

.....

OS CACILHEIROS ESPRAIAM-SE, DISCRETOS, POR ENTRE A LUMINOSIDADE BRILHANTE DO RIO TEJO, EM AZÁFAMA CONTÍNUA DE NAVIOS, CAIS E GENTE, COM OS CASCOS LARANJAS INCONFUNDÍVEIS, AS PROAS RUMO A BELÉM, CACILHAS, CAIS DO SODRÉ, MONTIJO, PORTO BRANDÃO, SEIXAL, PRAÇA DO COMÉRCIO, TRAFARIA... SÃO ASSIM OS CACILHEIROS. À POPA, A MESMA ESTEIRA BRANCA SALPICADA DE AZUL, EM TEMPOS DESENHADA POR VELHOS VAPORES DAS CARREIRAS DE CASCAIS, PAÇO DE ARCOS, PEDROUÇOS, COVA DO VAPOR OU ALCOCHETE.

Já se chamaram *Progresso* e *Victória*, *Renascer* e *Flecha*. Alguns perpetuam um mesmo nome em sucessivos navios: Lisbonenses já são quatro; *Trafaria Praia*, o actual, é o segundo. Hoje, continuamos a chamar cacilheiros a estas personagens de uma Lisboa marítima de séculos, figurantes na paisagem do rio Tejo e das suas cidades. Este quadro, que a geografia e a história foram tecendo com o tempo, mantém-se no quotidiano de milhares de passageiros que, todos os dias, atravessam o rio Tejo.

Lisboa é uma cidade marítima, verdadeira capital atlântica da Europa. Lisboa nasceu e cresceu, durante mais de 25 séculos, a partir da realidade fluvial e portuária que as condições naturais, generosas e exuberantes, da foz do rio Tejo proporcionaram. Tal atraiu as gentes e as actividades económicas que, com o tempo, levaram ao estabelecimento da cidade e o seu porto.

A geografia local dispersou a acção humana pela região à volta do estuário do rio Tejo, com os diversos núcleos a interagirem entre si por meio de transportes fluviais. Estes eram assegurados por embarcações concebidas, localmente, sob influência mediterrânica e fenícia. Algumas dessas embarcações transportavam passageiros e o percurso mais curto para a travessia entre Lisboa e a margem Sul do rio Tejo era entre a velha Ribeira, actualmente Cais do Sodré, e a ponta de Cacilhas, próxima de Almada.

Daí chamar-se “cacilheiros” aos navios da antiga carreira de Cacilhas. Este termo, com o passar dos anos, foi sendo alargado às diversas embarcações de passageiros usadas nas carreiras fluviais, independentemente do local de destino. Excepção a esta regra seriam os chamados barcos do Barreiro, que asseguram a travessia do rio Tejo entre a Praça do Comércio e o Barreiro desde 1860, servindo principalmente os caminhos de ferro do Sul de Portugal.

A navegação fluvial à volta de Lisboa foi sempre tão importante que o rio Tejo se tornou num dos primeiros da Europa a receber navios a vapor de tráfego local. Tal ocorreu a partir de 1821 e, durante mais de 100 anos, as embarcações à vela coexistiram com os vapores. No entanto, a palavra “cacilheiro” manteve-se no coração da cultura popular local, pois este tipo de embarcação é o meio de transporte colectivo mais antigo da região de Lisboa.

O cacilheiro é, igualmente, o mais antigo e o mais carregado de tradições e episódios deste tipo de embarcação, pois estes navios, para além da sua função, são uma expressão perene da alma marítima lisboeta. Um dos protagonistas vivos desta história é o *Trafaria Praia*, um dos cacilheiros mais bonitos e apreciados, com anos de serviço no rio Tejo a ligar Lisboa à outra banda ou, mais concretamente, Belém ao Porto Brandão e à Trafaria.

Um Cacilheiro Com Alma

.....

O espírito artístico de Joana Vasconcelos não pára de surpreender com as suas múltiplas originalidades criativas. Convidada para representar Portugal na 55.^a Exposição Internacional de Arte – la Biennale di Venezia, a artista desenvolveu um projecto em torno do *Trafaria Praia*. O cacilheiro vive o sonho da velha alma lisboeta e portuguesa, algo que o *Trafaria Praia* leva a Veneza, transformado pela imaginação e vontade de Joana Vasconcelos. Na sua chapa, nas suas memórias, na sua conversão em arte, o *Trafaria Praia* testemunha, em Veneza, toda a utopia de Lisboa e do rio Tejo.

Em Veneza, há um pavilhão português irrequieto, um pouco nómada mesmo, dentro do velho espírito português de se associar à nave e partir. Foi assim que Portugal deu a conhecer o mundo na Renascença. Foi assim que os portugueses deslocaram o centro do universo marítimo e do comércio do Mediterrâneo para o Atlântico, do Adriático para o rio Tejo, para ruína temporária de Veneza e glória efémera de Lisboa. Desses tempos ficaram duas belas cidades cheias de encantos partilhados por gentes e navios...

○ Trafaria Praia

.....

O *Trafaria Praia* é um navio de passageiros que tem sido utilizado, nos últimos 15 anos, em viagens regulares entre as margens do rio Tejo. Veio para Lisboa em Julho de 1996 depois de ter sido comprado pela Transtejo à Hadag, uma companhia de Hamburgo. Esta empresa assegura o transporte fluvial de passageiros no rio Elba desde 1888. O acrónimo “Hadag” resulta de Hafen-Dampfschiffahrt A.G., a designação original, que quer dizer “empresa de navegação a vapor do porto (de Hamburgo).”

A robustez e qualidade da construção do *Trafaria Praia* proporcionaram viagens muito confortáveis e agradáveis entre Belém e a Trafaria. Esta é uma povoação da margem sul do rio Tejo com acesso próximo às praias aí localizadas, a mais famosa das quais é a Costa da Caparica. Daí o nome dado ao cacilheiro, já utilizado num outro navio comprado na Alemanha, em 1964, que fez a rota da Trafaria até 1982.

A carreira de Belém para a Trafaria foi, durante décadas, a forma mais simples de chegar às praias, um hábito tornado possível pela construção de uma estação fluvial em Belém. Esta foi uma das infra-estruturas de apoio à Exposição do Mundo Português, realizada em 1940, na qual se retratou o “mundo português” num tempo em que a Europa já vivia mergulhada na II Guerra Mundial.

Para muitos, embarcar em Belém, ir à Trafaria e voltar era uma forma de espairecer e apreciar o rio Tejo, já com um gostinho a mar tão próximo da barra na Trafaria. O pavimento superior do *Trafaria Praia* (e dos seus irmãos e companheiros de rota *Castelo*, *Marvila*, *Mouraria*, *Porto Brandão* e *Vouga*), aberto à popa, era o local ideal para esses pequenos cruzeiros que os actuais cacilheiros não permitem, por serem todos fechados. Hoje, a pressão económica para encerrar a carreira de Belém à Trafaria é cada vez maior. Para já, esta encontra-se reduzida à operação de apenas um navio.

A existência do *Trafaria Praia* vai muito para além da carreira da Trafaria. Por encomenda da Hadag, foi construído pelo estaleiro Hanseatische Werft GmbH, em Hamburgo, entre 1959 e 1960. Fazia parte de uma série composta por algumas dezenas de navios, todos muito semelhantes, denominados *Typ II* e *Typ III*. Estas embarcações foram construídas, durante a década de 1950 e início da de 1960, para assegurarem o transporte de passageiros no rio Elba, ao longo da região de Hamburgo. Os navios ficaram famosos por serem únicos, uma espécie de Volkswagens fluviais, peças de design típicas de uma Alemanha em reconstrução no pós-Segunda Guerra Mundial.

O *Trafaria Praia* chamou-se, de início, *Pöseldorf* e começou a ser construído a 17 de Dezembro de 1959, quando a sua quilha foi assente no estaleiro. Tem 249 toneladas de arqueação bruta, 30,10 metros de comprimento, boca (largura, na gíria náutica) com 7,50 metros e pontal (altura) com 3,65 metros. O navio construiu-se rapidamente e foi lançado à água, no rio Elba, a 11 de Fevereiro de 1960, pronto a navegar.

Foi registado no porto de Hamburgo quatro dias mais tarde, após o que entrou ao serviço da Hadag, autorizado a transportar até 604 passageiros. Em Abril de 1978, o *Pöseldorf* ganhou mais uns anos de vida ao ser modernizado no estaleiro Scheel & Jöhnk, igualmente em Hamburgo. Continuou a transportar passageiros e turistas no rio Elba até 1996, quando foi retirado do serviço activo e posto à venda.

A Transtejo, que já operava com quatro navios de passageiros de características idênticas ao *Pöseldorf*, aproveitou a oportunidade e comprou-o juntamente com o *St. Pauli*. Ambos deixaram o porto de Hamburgo a bordo do navio-doca *Condock V* a 6 de Julho. O seu destino era Lisboa, onde chegaram após uma viagem de cinco dias.

O *Pöseldorf* foi retirado do *Condock V* no cais de Alcântara e rebocado para Cacilhas, ainda com o nome e as cores alemãs. Como tanto o *Pöseldorf* como o *St. Pauli* já não se encontravam operacionais, houve que fazer reparações demoradas. No caso do *Pöseldorf*, foi-lhe atribuído o nome *Trafaria Praia* e inscrito no registo de navios na Capitania do Porto de Lisboa a 26 de Março de 1997. O novo cacilheiro passou, então, a fazer a carreira Belém – Porto Brandão – Trafaria.

Cidades Portuárias

.....
Diversas cidades portuárias europeias desenvolveram importantes serviços de transporte público com navios de passageiros, à semelhança do que acontece em Lisboa. É o caso

de Hamburgo, onde a Hadag assegura as rotas fluviais desde 1888. É o caso, também, de Veneza, onde os famosos *vaporetti* disputam às gôndolas a simpatia de locais e visitantes, sempre a navegarem pelos diversos canais. É o caso, ainda, de Istambul, cuja frota de navios de passageiros e rede de serviços locais é fascinante.

Em Lisboa, os transportes fluviais para passageiros desenvolveram-se durante o século XIX com os vapores da Burnay, a qual deu lugar à Parceria dos Vapores Lisbonenses em 1899, depois transformada, na década de 1950, na Sociedade Marítima de Transportes. Esta empresa tinha o exclusivo da operação de *ferries* transportadores de automóveis e passageiros, mas a sua actividade foi muito afectada com a abertura da ponte sobre o rio Tejo, em 1966. Esta infra-estrutura passou a ligar Alcântara (em Lisboa) a Almada, desviando parte da clientela dos *ferries*, o que enfraqueceu a situação financeira da empresa.

Na época, para além da Sociedade Marítima de Transportes, operavam no rio Tejo outras quatro companhias: a Sociedade Nacional de Motonaves, a Empresa de Transportes Tejo, a Sociedade Jerónimo Rodrigues Durão e a Sociedade Damásio, Vasques & Santos. Eram todas empresas de carácter quase familiar, com frotas de três ou quatro navios, quase todos ainda construções em madeira. Com as transformações políticas despoletadas pelo 25 Abril de 1974, todas estas companhias entraram em colapso, obrigando o Estado a intervir, nacionalizando os transportes fluviais e criando uma nova empresa, a Transtejo, formada em Dezembro de 1975.

Alemães do Rio Tejo

.....

O estado de degradação das diversas frotas de então levou a Transtejo a adquirir, em segunda mão, cinco navios de passageiros postos à venda pela Hadag. Estes primeiros navios de passageiros ex-alemães foram comprados por 2,6 milhões de marcos em 1977. Tinham cerca de vinte anos e capacidade para 400 passageiros: o *Volksdorfer* o maior e passou a chamar-se *Marvila*; os gémeos *Ottensen* e *Otmarschen* alteraram os nomes para *Mouraria* e *Vouga*; o *Falkenstein* recebeu o nome *Porto Brandão*; e o *Lichtwark* passou a chamar-se *Castelo*.

Estas cinco embarcações ficaram conhecidas, em Lisboa, por classe dos ex-alemães e entraram ao serviço da Transtejo no início de 1978, proporcionando uma melhoria imediata das carreiras fluviais. Assim, quando surgiu a oportunidade de serem adquiridas mais duas, em 1996, o *Pöseldorf* trocou o rio Elba pelo rio Tejo, rebaptizando-se

como *Trafaria Praia*. O nome não podia ser mais sugestivo pois, nos meses de Verão, transportavam-se muitas centenas de lisboetas para a outra banda, a caminho das praias. A partir de Belém, o *Trafaria Praia* chegava a fazer viagens contínuas aos Sábados e Domingos: atracava, enchia, partia e voltava, de seguida, para nova leva de passageiros. Fora da estação fluvial faziam-se filas de candidatos a embarque.

Os anos foram passando para o *Trafaria Praia*, nas suas navegações sucessivas pelo rio Tejo. Em 2005, sofreu uma avaria grave na máquina principal, a qual foi substituída por um motor novo, lá continuando na sua rotina de sempre. Em Setembro de 2009, foi para Aveiro, onde sofreu uma última grande reparação, no estaleiro Navalria, regressando a Lisboa em Outubro de 2009, para mais dois anos de serviço na carreira da Trafaria. Com os certificados de navegação entretanto caducados a exigir novos investimentos e reparações, o *Trafaria Praia* recolheu à doca da Margueira, nos antigos estaleiros da Lisnave, onde ficou a aguardar destino.

Foi aí que Joana Vasconcelos o descobriu e foi resgatar. A assinatura de um protocolo com a Transtejo permitiu a cedência temporária do *Trafaria Praia* à artista e a sua transformação no mais original e internacional dos cacilheiros do século XXI. Depois de navegar em Hamburgo, Lisboa e Veneza, só falta ao *Trafaria Praia* conhecer, um dia, as águas do estreito de Bósforo para se poder dizer que actuou nos quatro maiores portos de cacilheiros da Europa...